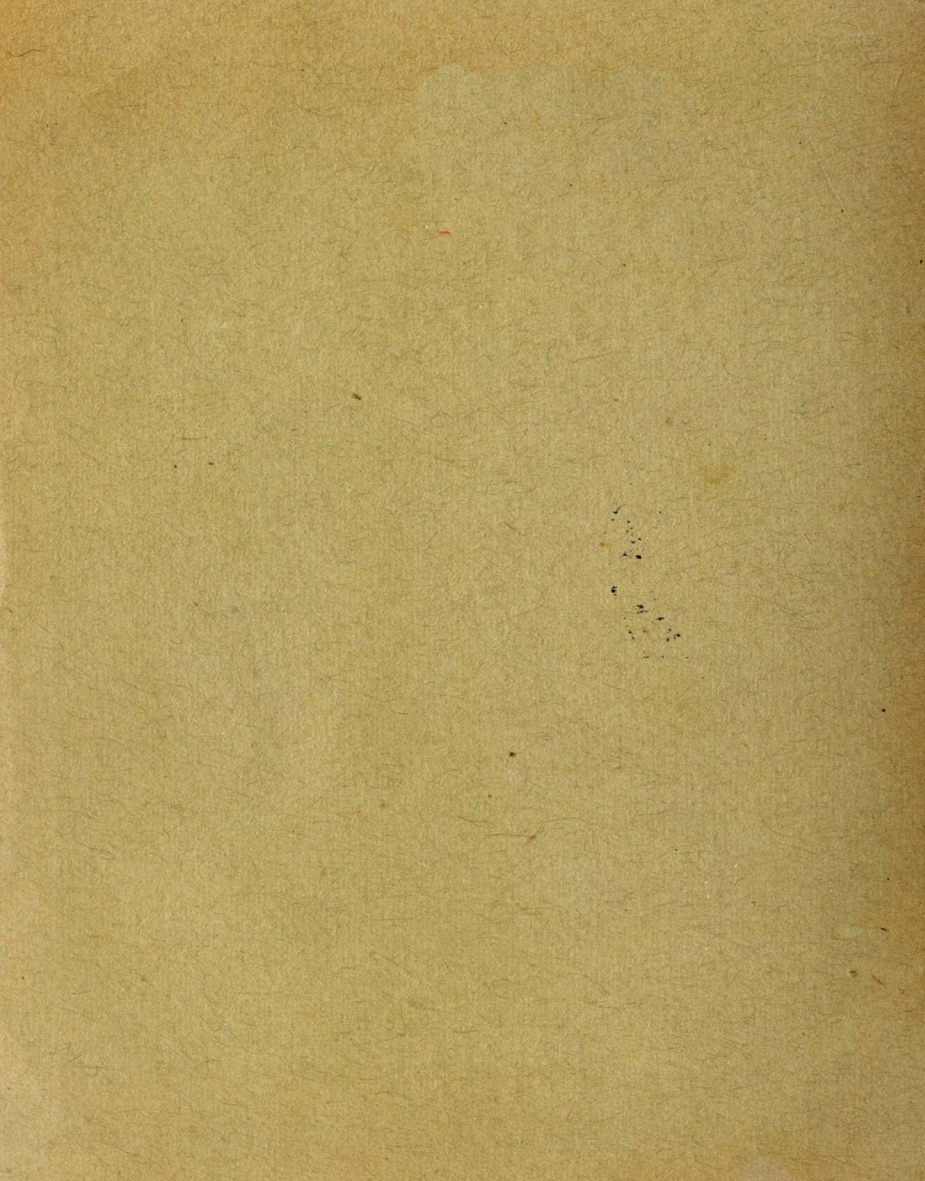
DJALMA BATISTA

ITINERÁRIO TRANSANDINO

Conferência pronunciada em 29 de setembro de 1951, na Academia Amazonense de Letras.

MANAUS
BRASIL

DJALMA BATISTA

ITINERÁRIO TRANSANDINO

Um vôo do Amazonas aos Andes — O Pacífico de dentro de capuses de algodão — Lima, suas flores e seus encantos — Guayaquil e Playas — Diante do Chimborazo — Romantico Quito — Súmula do 9.º Congresso Panemericano de Tuberculose — Mirando o passado: Cuzco e Macchu-Picchu — Despedida de Lima — A Bolívia a vôo de pássaro motorizado — De volta ao Brasil.

Reimpressão de
«A Gazeta»
(15, 16 e 17—X—1951)

MANAUS
BRASIL

A Mario Ypiranga
com um cordial saludo.
Manaus, 5/XII/51.

A Moura Tapajoz,

companheiro de lutas,

de ideais e de itinerário

transandino.

I

UM VÔO DO AMAZONAS AOS ANDES

Na manhã venturosa de 7 de julho, dois médicos manauenses desenharam no céu um ângulo reto, olhando pela janela do Catalina, ao infletirem para o Oeste, com o pensamento no roteiro seguido por Pedro Teixeira, durante doze meses, a partir de outubro de 1 637, para cobrir a distância até Quito, — réplica heroica dos portugueses à expedição pioneira de Pizarro-Orellana, um século antes, desvirginadora do mundo amazônico. Apenas, trezentos e tantos anos depois do notavel capitão luso, mudaram os meios e os caminhos, passando os meses a serem contados em horas...

O que aqui vai relatado reflete o pensamento e a observação dos dois itinerantes, dos quais me estou arvorando a intérprete, avisando dantemão que o sal da história foi sempre posto pelo meu companheiro, com muita finura e extraordinário espírito clínico e crítico.

À medida que o avião remonta o Solimões, vai-se tendo uma impressão oposta à da viagem a jusante de Manaus : a agua diminúi de volume e não ocupa tanto espaço, e a floresta é mais densa, parecendo até mais verde... Em frente a Benjamin Constant, quando se dá adeus à pátria, olhando a margem peruana fronteiriça (o povoado de Ramon Castilla não fica ao alcance da vista), o "real rei dos rios do Universo" como que perde a sua majestade, nesta época de vasante ; e a cidade distante, comburida pelo sol e asfixiada pelo mormaço, erguida sobre giráus semelhantes aos de meu logar natal, no Acre remoto, dá uma pena terrivel ao brasileiro que a pisa pela primeira vez : não parece ter a seus pés um monstro líquido cuja correnteza atinge às vezes a milhas por hora. Benjamin Constant como que reflete a psicologia de um lago...

Decolado o anfíbio da "Panair" divisam-se riscos amarelos fendendo a superfície verde : verde e amarelo como que a traduzirem o destino brasileiro de guardião daquêles pagos distantes, onde tres povos irmãos disputam ou mantêm uma cunha de seus próprios territórios : peruanos, colombianos e equatorianos. E sobrepairando a tudo — interesses, ambições, desejos de hegemonia — um senhor todo-poderoso, que é o deserto !

Quando se chega a Iquitos, duas horas depois de Benjamin Constant (500 ou 600 quilômetros de distância !), o espírito como que se abre, depois de se ter contraído a meditar sobre a pequeneza do homem em face ao mundo amazônico. Porque Iquitos já é uma cidade ! Basta dizer que possúi luz e agua... O "Palace Hotel Malecon", instalado em bonito prédio azulejado, está longe porém de ser um *palace hotel.* Em compensação está pronto para ser mobilado e funcionar um bem apresentado estabelecimento, que integrará a cadeia da Corporação Nacional de Hoteis de Turismo, do governo peruano.

Na capital do Departamento de Loreto há cerca de 45.000 almas, 10.000 das quais devem ser contadas como corpos : são soldados... Não esquecer que as geografias equatorianas inclúem Iquitos na Província Oriental da pátria de Garcia Moreno...

Em verdade muito mais afinidade existe, na região, com o Brasil, que com qualquer das repúblicas irmãs do lado de lá dos Andes ; e é pena que esta afinidade, decorrente naturalmente da proximidade geográfica, da identidade de problemas e da semelhança das populações nativas, não seja aproveitada largamente pelo comércio, pela indústria e pela cultura, para formação de um necessário espírito pan-amazônico, que não deve ser interpretado como expansionismo do Brasil, país líder e senhor da chave da bacia, pelo próprio destino histórico. Nêste sentido, vale a pena não esquecer as sugestões e observações argutas de Napoleão Bezerra, que já escreveu, primeiro com *gasolina* e depois com *óleo crú,* crônicas de sensação sobre o Médio-Amazonas.

Nós brasileiros andamos designando mal o nosso tuchaua hidrográfico, chamando-o de Amazonas, Solimões e Marañon. Em frente a Iquitos, por exemplo, olhando o belo panorama do rio a deslisar sereno, carregando detritos andinos, galhadas do baixo-plano e aluviões quaternárias das terras aquem dos *Pongos ;* olhando o rio banhado pelos últimos reflexos do crepúsculo planiciário, de que me estava a despedir, e recordando as minhas tinturas de

geografia, exclamei : *"Miremos al Marañon!"* Esclareceu logo o amavel acompanhante que estavamos defronte do Amazonas e que o Marañon estava muito longe. Debrucei-me então sobre a monografia do sábio Raimondi, que consagrou sua vida ao Perú e palmilhou Loreto : aprendí que o Amazonas se forma pela união do Marañon com o Ucayali, da mesma fórma que o Madeira nasce do abraço do Mamoré com o Beni, e o rio Branco da fusão do Maú e do Tacutú.

Cancelemos a nossa homenagem ao rei Salomão, concentrando-a na outra lenda, muito mais simpática e sugestiva, das guerreiras do Nhamundá, que arrebataram ao próprio Orellana a designação onomástica do rio-grande descoberto!

De Iquitos para Lima há tres vias de comunicação : uma pelo ar, coberta pelas possantes e confortaveis unidades da Cia. "Fawcett", que transportam tudo, gente e bichos, encomendas e cargas; outra por terra, a partir do pôrto de Pucallpa, até onde chegam embarcações fluviais, e início da grande estrada transandina, que substituiu a picada terrivel de 20 anos atrás, pela qual, em caravanas aventurosas, que enfrentavam os gentios, as féras, o frio e a aspereza do terreno, se mantinha a unidade territorial do Perú; uma terceira via é toda por agua : descendo o Amazonas, navegando o Atlântico, cruzando o canal do Panamá e costeando o Pacífico, até Callao... Por uma das tres vias sái a produção loretana : borracha, petróleo, sorva, madeiras e couros. Como se vê tudo cousa que a terra dá por si : nada criado pela mão do homem, tal qual sucede com os irmãos amazônicos do lado de cá da linha divisória...

Em 1 955 será o centenário de Iquitos. Portanto apenas sete anos mais nova do que Manaus, embora afastadas as duas capitais por mais ou menos 2 000 qiulômetros...

Depois de uma animada e proveitosa conversa com os nossos anfitriões Planas e Vidurrizaga, na qual tanto podemos admirar a vivacidade de espírito do último, conhecedor minucioso do Norte e Nordeste do Brasil, onde amassou o pão do exílio, aqui lançando raizes afetivas imperecíveis; e fruir o encanto da companhia do primeiro e de sua família, — começou a bater-nos forte o coração : fazia um calor super-manauense assim pelo meio-dia, no aeroporto *iquiteño* da CORPAC, e em pouco estaríamos sobrevoando os Andes e jogados no inverno da orla do Grande Oceano! O DC-4 da "Fawcett" ganhava altura, os rios passavam a filetes minúsculos e

a própria selva apequenava-se ; começámos a notar a transição : rarefazia-se a vegetação ; as carecas reluzentes dos granitos expostos a um sol vivo, e as lagôas sucessivas oriundas do degelo, alternavam com vales abissais ; ao longe a fita geométrica da estrada de rodagem asfaltada. Estavam transportas afinal as fraldas orientais da Cordilheira ! Já no alto o boletim aeronáutico distribuido aos passageiros anunciava : altura 22 000 pés (fiz mentalmente o cálculo : quase 6 000 metros !); temperatura — 4° (do lado de fóra, bem entendido. . .). Começou a funcionar o sistema de aquecimento do aparelho e as mamadeiras de oxigênio fôram instaladas junto de cada passageiro. A princípio não me dei conta da rarefação atmosférica ; achei mesmo desagradavel o frio e o gôsto do oxigênio (ninguem pense o contrário: o oxigênio a 6 000 metros não é insípido. . .) Aos montes se sucediam outros montes ; aos vales se seguiam outros vales ; as lagunas se repetiam a cada passo (aqui o passo é de centenas de H. P. dos quatro motores do aeroplano. . .), modificado o recorte caprichoso das bordas e variando a côr, ora ora esverdeada, ora clara, ora azulada das aguas remansadas no infinito deserto de pedra escura. Bem em frente, batido da claridade de uma tarde límpida, o primeiro nevado, branco como a pureza, alto como a virtude, inatingivel como o próprio céu. Ei-lo cada vez mais próximo, o Huascaran, ponto culminante do Perú e 3° pico andino : o Comandante Bennett manda chamar-nos para a cabine, onde o Ing. de Vuelo E. Arenas nos dá explicações e nos anima a fotografar o panorama deslumbrador, facilitando-nos a procura da Kodak na valise em que viajava (ainda tinhamos o complexo brasileiro de que é crime do aero-viajante se acompanhar de máquina fotográfica). Não conseguí no tumulto daquêle momento dar com o aparelho, que por sinal sempre nos falhou, apesar da bôa-vontade com que o Waldir Vieiralves no-lo emprestou. . . E sentí naqueles minutos a extranha e terrivel fome de ar ! Foi então que me soube o bico do gás vital. . . Na cabine de comando andou êle de bôca em bôca : beijámo-nos todos por procuração, unidos pela emoção de contemplarmos, desnuda e inteira, a montanha gelada impassivel, como se fôsse um imenso bôlo festivo, a que a natureza confeitara com os requintes que adoçam os sentidos e embevecem particularmente o olhar. . . Flanqueámos o pico soberbo e lá reapareceu a Cordilheira Negra. Aos quandos, numa fralda, indicava-nos o Sr. Arenas, se escondia um *pueblo.*

Pensávamos : antes ficára a solidão vegetal da Amazônia, quente e húmida, agressiva e feraz ; agora tínhamos à vista o

domínio mil vezes mais amedrontador do mineral, frio e seco, onde a vida não tinha o apoio da clorofila e a esterilidade da rocha fazia da sobrevivência um milagre. Só depois vim conhecer a frase do político escaldado: "Viver na Amazônia já é um heroismo..."

II

O PACÍFICO DE DENTRO DE CAPUSES DE ALGODÃO

Aos poucos fômos tendo a sensação de que o avião baixava. O ar atmosférico passou a satisfazer a respiração e as elevações do terreno só eram visiveis quando se olhava para trás. Nêsse instante vimo-nos como que sobrevoando um mar sereno, de espumas alvíssimas e interminaveis, batendo contra os penedos andinos e se extendendo até onde o olhar alcançava. Só depois de muito andarmos convencí-me de que eram nuvens juxtapostas, que pareciam formar um tapete de algodão protegendo o céu... Nuvens densas, para atravessar as quais fôram gastos vários minutos; por fim, ao sair dos capuses de *stratus* e *cumulus,* apresentou-se-nos em toda a sua beleza e em toda a sua grandiosidade o oceano de Balboa. Eis-nos diante do mar! Dias depois conhecí o desafio soberbo que lhe lançou o poeta cuencano Palacios Bravo:

"Oh inmensidad de gotas! Oh vanidad de espuma!
"Y si quieres que luego tu soberbia se ablande,
medita que solo eres una lágrima grande...
"Son tus aguas amargas una inmensa amargura...
"Menos mísero fueras si fueses más pequeño!
"Desventurado amigo, tus enojos aquieta,
y aprende mansedumbre de mi alma de poeta...
Que si tu eres conjunto de gotas a millares,
mi inmensidad se forma de millones de mares."

III

LIMA, SUAS FLORES E SEUS ENCANTOS

A sala de visitas da capital peruana é magnífica: um palácio de mármore e pórfiro, onde o viajante admira majestosa obra de arte, com uma perfeita destribuição de serviços. Do Aeroporto de

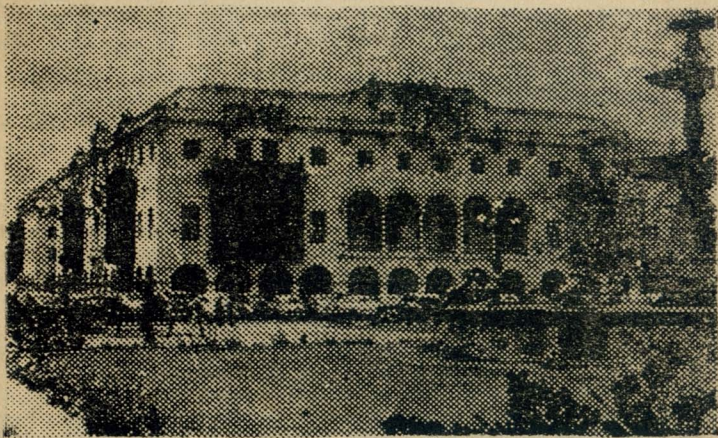
Limatambo, numa tarde friorenta e sem sol, começámos a mirar a cidade, cercada de morros nublados e se extendendo para todos os lados.

Em Lima chama logo a atenção o aspecto alegre e socegado da terra e da gente. Todos amaveis, bem humorados, vivendo a sua vida entre flores e jardins. Pelo menos os burgueses... Seu desenvolvimento é um caso curioso: em torno do nucleo central, a velha cidade dos Vice-Reis, onde se vêem as ruas estreitas da época colonial, com a sua arquitetura característica, de balcões nas fachadas (há quadras inteiras de casas desse estilo, que traduz uma reminiscência mourisca), com persianas que quase nunca se abrem, se desenvolveram numerosos *pueblos*, que se fôram reunindo, para formar a extensa metrópole de hoje, de quase um milhão, onde convivem quatorze municipalidades independentes, dentro de duas províncias, que vão do mar (Callao, o porto, foi uma cidade isolada e é hoje uma cidade autônoma) até as Serras, para lá de Chosica.

San Isidro, Miraflores, Herradura — bairros situados a cavaleiro do mar — são uma maravilha e um encanto. Serenos como só êles. Amplas ruas ajardinadas, onde os olhos se deleitam numa policromia de estarrecer. E que casas! quanto bom-gosto! quanta beleza!

Obrigado, querido amigo Lucho Ibañez, que nos levaste pela pitoresca cidade que tanto nos encantou, mostrando-nos tudo com uma solicitude paciente e cativante! A ti e a Eduardo, autênticos representantes da estirpe *arequipeña* dos Ibañez, com os seus 14 ramos...

No centro de Lima, entre a Plaza San Martin (benditos fotógrafos ambulantes que nos fixastes ao lado da estátua do grande General, e ainda nos encravastes numa cédula de 10 soles!) — entre a Plaza de San Martin e a Plaza de Armas, está o grande comércio de Lima: no Jiron Union estão as casas de moda e de artigos regionais, as *platerias e* perfumarias; estão tambem as calcadas pisadas pelas *limeñas* elegantes, de olhos e cabelos negros, geralmente bem envolvidas em costumes de lã e peles vistosas, que eu asseguro muito em segredo — dão uma imponência agradavel às mulheres...

A Plaza de Armas é típica em todas as cidades de origem espanhola: Palácio do Governo, Municipalidade, Catedral... Na de Lima, porém, há uma particularidade: todas as construções

MUNICIPALIDADE DE LIMA — O maravilhoso palácio limeño, na Plaza de Armas, reconstruido há cerca de 10 anos, seguindo as linhas rigorosas do estilo colonial.

obedecem a um estilo próprio, rigorosamente colonial, com *portales* e fachadas magníficos. No Palácio da Municipalidade fômos admirar uma das preciosidades artísticas *limeñas* : salões ricamente decorados, sem exibição nem demasia, com telas assombrosas de Merino e Montero (guardo profunda impressão de "La venta de las acciones", "Las Tapadas" e "La Loca", em que Merino culminou a sua capacidade de fixar tipos e expressões). E que assombro a Biblioteca, toda talhada em madeira ! Tambem na Plaza de Armas está Francisco Pizarro — o Conquistador entre monstruoso e glorioso — montado no seu cavalo de bronze, para contemplação dos séculos, e guardado no seu esquife de mortal, dentro da Igreja, para que os homens meditem no "memento" eterno...

O Palácio de la Torre-Tagle, onde hoje está instalado o Ministério do Exterior, é uma autêntica relíquia de alto preço, com os seus 200 anos de existência, dois balcões, salões, quadros, moveis, espelhos e pátios.

Corramos às igrejas : entremos na Basílica Jubilar e não nos impressionemos com a riqueza dos altares e a imponência das imagens. Fixemos o ponto para onde mais se dirigem os fieis : lá está uma simples cruz de madeira desbotada pelos beijos que nela são depositados ; uma placa assinala o logar onde a parede se abriu para que um frade em cuja santidade o povo acredita, como em Manaus se crê fervorosamente na Santa Etelvina, perseguido pelo demônio, podesse passar incólume ! Depois visitemos a Igreja de S. Pedro, da Companhia de Jesus ("La Iglesia Jubilar"). A 1 da tarde se resava missa. Imensa e grandiosa obra de arte, com altares em ouro ou madeira, pinturas impressionantes e sobretudo com aquêla quietude dos templos, com o seu quê de mistério e de atração !

Detenhamo-nos porém no Santuário de Santa Rosa de Lima, — único sul-americano que já mereceu canonização, e isto 30 anos depois de seu falecimento, ocorrido em 1 631. Lá estava a sua cadeira e a sua cama tosca ; a imagem diante da qual resava ; os logares onde recebeu as aparições e onde impôs em si própria flagícios e martirizações ; algumas pinturas chucras com os seus milagres. Lá ouvimos tambem a sua história : a renúncia do amor de um noivo que provavelmente a adorava, em troca do amor divino ; os 30 e poucos anos de vida heroica. E dizer que olhares profanos se detiveram diante de tudo aquilo, buscando uma interpretação psicológica para o caso da famosa Santa *limeña !*

Lima é positivamente uma cidade de destino piedoso : tem tambem um Beato, Frei Martino de Porras, de côr escura, em cuja imagem o vemos sempre agarrado a uma vassoura... Certamente daí proveio toda a sua santidade : vasculhava os desvãos para a limpesa, ao mesmo tempo que removia as poeiras do entendimento e a lia dos corações, para aumentar a seara de Cristo...

Lima ainda é uma cidade nascida para a sabedoria : pouco depois dela surgiu uma das primeiras Universidades do continente — San Marcos — ninho de estudiosos, matriz da formação cultural na América do Sul. Não sei se a Universidade de Santo Domingo é mais idosa : sei que San Marcos completou a 12 de maio deste ano o seu 4.º centenário. Penetrámos com veneração nas suas salas e anfiteatros, nos seus laboratórios e corredores, e vimos com alegria a fonte onde muitos Decanos têm sido justiçados com banhos memoraveis... Presentemente está sendo construida uma Cidade Universitária, no caminho de Callao.

Mas, não é tudo... Ainda um momento para visitarmos os Museus, em Madalena Vieja, na companhia do distinguido colega Lopez. No Museu Antropológico, primeiro as culturas pré-incaicas : Chavi, Paracas, etc. Depois o mundo dos *Inkas* reconstituido com amor, paciência e grande conhecimento : cerâmica, tecidos, contabilidade, instrumentos guerreiros, trajes, as figuras dos guerreiros ; as múmias desvendadas pelo famoso arqueólogo Dr. Tello, envoltas em vários tecidos simbólicos, conservadas de cócoras, com os seus alimentos ; os crânios trepanados, mostrando reconstituição perióstica e portanto uma alta perícia em técnica operatória, e as deformações cranianas estarrecedoras, — trepanações e deformações que obedeciam de certo a uma sentido religioso propiciatório ; representação em pedra e cerâmica de enfermidades e defeitos físicos, dando notícia de sua capacidade de observação e da extensão de seus conhecimentos. Tudo isto, *guacos* e atestados de uma cultura adiantada, datando de milênios, até o início da colonização espanhola, em 1 500.

Ao lado do Antropológico está o Museu Bolivariano. San Martin declarou a Independência peruana, mas Bolivar consolidou-a: por isto seu culto é maior e sua glória mais admirada. O Museu está instalado na casa em que residiu o próprio Libertador, e que havia sido construida para retiro do último ou dos dois últimos Vice-Reis. Em cento e poucos anos estão porém esmaecendo as pegadas de Bolivar : seus autógrafos já estão amarelecendo, seus

moveis estão perdendo a resistência, as salas em que dava audiências, comia, dormia, orava e amava a famosa Manoelita, estão desprendendo o pó fatal... Nas paredes quadros do grande soldado idealista, que deu a liberdade a 5 nações, vencendo batalhas ferozes, para morrer ingloriamente, cheio de apôdos, lançados pelo seu próprio povo. Bolivar ao lado de seus logares-tenentes, no Museu da Madalena Vieja, já parece mais velho que os *Inkas* e seus antepassados. Só nos pareceu viçosa, mesmo, a figueira que suas mãos plantaram no quintal do solar. Ao lado do Santuário Bolivariano está uma galeria de Presidentes da República, alguns até com 6 dias de exercício do poder...

No fim da visita, pus-me a meditar : daqui a cem anos, que restará dos Museus da nossa Idade ? Do que fizeram os antigos, muito resistiu ao tempo, e o Dr. Tello pôs sua imaginação e sua ciência a decifrar os achados. E que restará da nossa civilização, regada com o sangue dos vencidos e com o suor dos fracos e dos humildes ?

Só uma cousa jámais se poderá esquecer da corôa de glórias de Bolivar, como da de San Martin e José Bonifácio: o espírito libertário, que é expressão mesma da santa, da bendita, da inigualavel Liberdade !

Foi essa Liberdade que vimos paradoxalmente endeusada no Perú. Desde nossos primeiros contatos com a terra irmã ouvíamos falar com entusiasmo no "câmbio livre", fruto de uma política renovadora do governo Odria, que seguira de corpo e alma as sugestões da Missão Econômica Americana, vinda, a exemplo da famigerada Missão Abbink no Brasil, que tivemos o bom-senso de mandar embora, com um sardônico "muito obrigado", para estudar e orientar a política econômica do país. Dizia-se : baixou o custo de vida, não há mais câmbio-negro, o Perú é um dos poucos paises em que há liberdade comercial e bancária... O assunto era sugestivo e passámos a inquerir todo mundo sobre êle : uns estavam entusiasmados, outros faziam restrições, e a nossa curiosidade crescia, à medida que deparavamos com artigos de importação de toda sorte, baratos, é verdade (automoveis de luxo por 70, 80 mil cruzeiros ; rádios de mil cruzeiros ; tudo muito, bom e por bom preço). Demos afinal, com a ajuda de um médico experimentado e sagaz, no nó da questão : Câmbio livre representa a morte da indústria no Perú, que se tornará progressivamente, mais e mais, em exportador de materias primas brutas (economia colonial típica);

VISTA AEREA DE GUAYAQUIL — À margem do Guayas, a importante cidade equatoriana, primeiro porto do país, tem aspectos pitorescos e sugestivos.

representa o desemprego para o operariado; representa a constante sangria nas finanças nacionais, que nunca produzirão bastante dinheiro com que pagar dólares, mesmo fixado em 15 soles cada um; significa, em última análise, o jogo mais descarado dos poderosos, que ganham nas exportações e nas importações, ganham na compra de divisas com que abarrotam os bancos, e ganham na utilização de artigos de primeira, por preço relativamente baixo, mesmo assim elevado para o poder aquisitivo da massa...

Ficou-nos a impressão de que o Perú está fazendo uma experiência perigosa, altamente comprometedora de seu futuro de nação independente.

Vêde pois que às flores e aos encantos de Lima se juntam espinhos e pedregulhos, que ferem o espírito e perturbam a caminhada do viajante que quer vêr, pelo prazer spinoziano de conhecer...

IV

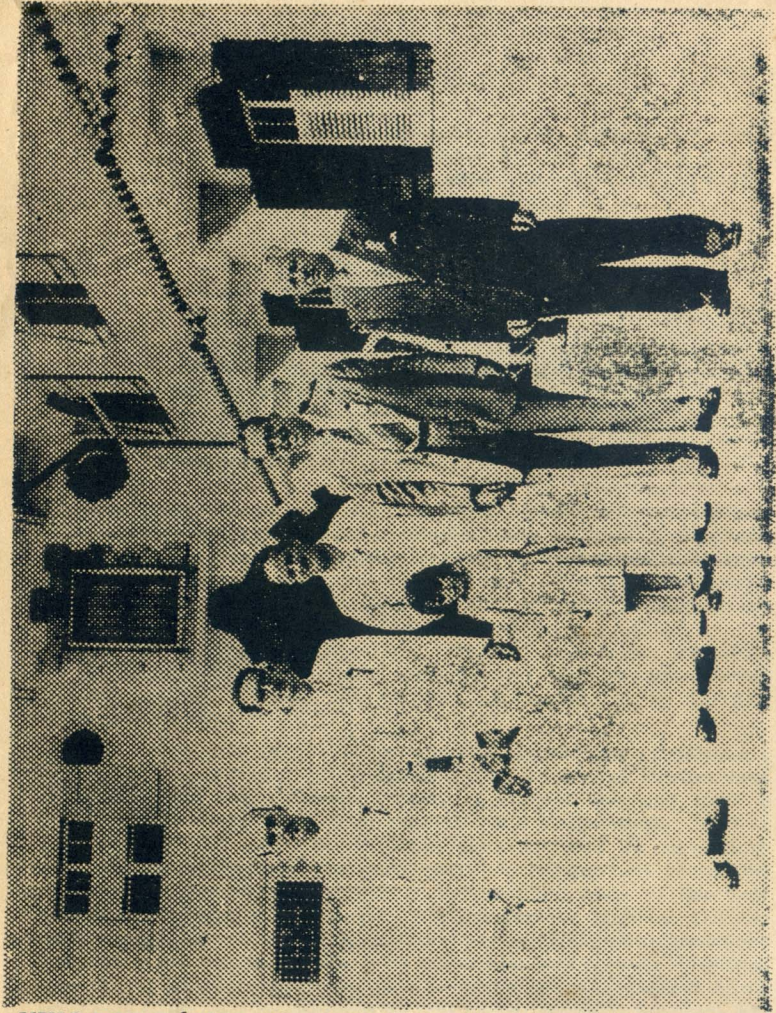
GUAYAQUIL E PLAYAS

Num *Constellation* da "Panagra", em vôo noturno, acompanhados de dezenas de chineses (em Lima há uma numerosa colônia de súditos de Máo-Tse-Tung), que viajavam em turismo aos Estados Unidos, vimo-nos transportados ao Equador. Do alto olhavamos o Pacífico batido pelos reflexos do Crescente. Duas vezes fixámos cidades fartamente iluminadas, projetadas na distância por estradas imensas, por onde, noite alta, era intenso o tráfego: depois soubemos que sobrevoaramos Chiclayo e Tallara, centros petrolíferos peruanos, onde a atividade é ininterrupta.

Saímos de Lima com frio e desembarcámos em Guayaquil com calor. Em plena madrugada pusemo-nos a arrancar a *sweter*, com vontade de nos desenvencilharmos da roupa de casemira: nisto parecia que tínhamos chegado a Manaus... Aliás a posição geográfica é quase idêntica: Manaus a 3° de latitude Sul, e Guayaquil a 2°. Àquela hora avançada, uma prestimosa comissão de médicos nos dava as bôas vindas e *arreglava el equipaje con la Aduana*. Lá estava Francisco Macias, *fan* do Brasil, onde serviu como secretário da Embaixada Equatoriana, fazendo curso, nessa ocasião, no Instituto de Manguinhós, e aumentando a família com o nascimento do herdeiro que lhe tem o nome: graças a Macias que além de médico famoso é vereador e desportista, tivemos oportunidade de

rodar Guayaquil em vários sentidos. Logo após a chegada, ei-lo a nosso lado, fazendo a apresentação de sua cidade: fomos vêr o Guayas, que é um rio imponente, cuja foz se encontra seis horas abaixo; depois o *Estero Salado*, braço de mar que corta Guayaquil, completando-lhe a importância — agua dôce no Guayas, agua salgada no Estero... Vagámos pelas ruas e praças desertas, saudámos, no Malecon, Bolivar e San Martin que se apertam as mãos, na reconstituição do encontro famoso que aí tiveram... Vimos prédios e residências notaveis, admirando *los portales* que apresentam quase todas as construções da cidade, como defesa contra o sol e a chuva, que são tropicalmente impiedosos... Não pude atinar com que intenção nos avisou Macias: *"Em Guayaquil há* 14 *mulheres para um homem..."* E prudentemente nos levou para Playas, um maravilhoso bairro balneário, 96 quilômetros distante... Como fôram compridos êsses quilômetros, apesar da bôa estrada e da excelente companhia! Os anúncios, pintados com tinta luminescente, brilhavam ao contacto das luzes dos farois da camionete... Porém pior que o cansaço e o sono, só o sono e o cansaço com frio por cima, como sentimos mais tarde, no caminho de Quito...

Playas é realmente um sonho. O Hotel "Humboldt" corresponde à expectativa: construido à beira-mar, com terrasses magníficas olhando para o Pacífico, que se vem quebrar a seus pés, dêle se avistam os bandos de gaivotões que povôam as costas marítimas e as mesmas jangadas intrépidas que tanto enfeitam o litoral brasileiro. Nos pátios do Hotel estavam içadas as bandeiras de todos os paises americanos: junto da brasileira, nos reunimos os brasileiros e os amigos do Brasil, para uma foto memorativa. 13 nações se fizeram representar no 9.º Congresso Panamericano de Tuberculose, que tomou conta, através de seus 150 membros, do balneário construido pelo espírito empreendedor do banqueiro Victor Emílio, presidente do Banco de la Previsora, e que é acionista até de uma companhia paulista não sei de que (ó, os tentáculos do capitalismo...)

Tivemos dias cheios e noites festivas, de gratas recordações, em Playas. De manhã e à tarde, as sessões do Congresso, realizadas na Academia Militar, cujo prédio foi desocupado previamente para que se ouvisse a palavra dos tisiólogos americanos. De noite, amáveis conversas, aproximações que alegravam a inteligência, mostras de fidalguia dos colegas equatorianos. A *Fiesta Criolla* que nos foi oferecida, ao ar livre, com música mantúvia e serrana,

NUM DOS PÁTIOS DO HOTEL "HUMBOLDT", EM PLAYAS (GUAYAQUIL) — Os representantes brasileiros acompanhados dos Drs. Jorge Higgins (Presidente do Congresso), do Dr. Francisco Macías, eleito Consul do Brasil em Guayaquil e a garota Silvia Macías.

dansas e trajes típicos, numa noite enluarada (não é sem razão que se diz que o Pacífico é o oceano das noites mais lindas de luar!), constituiu um ponto culminante do programa social do Congresso. Não esquecí aquêle *pasillo* de grande poesia:

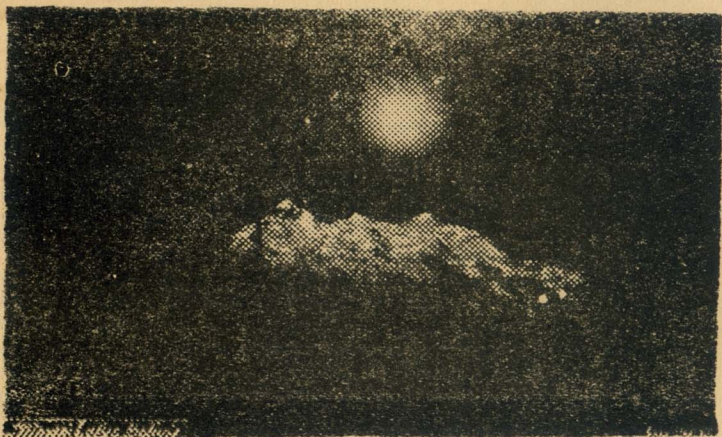
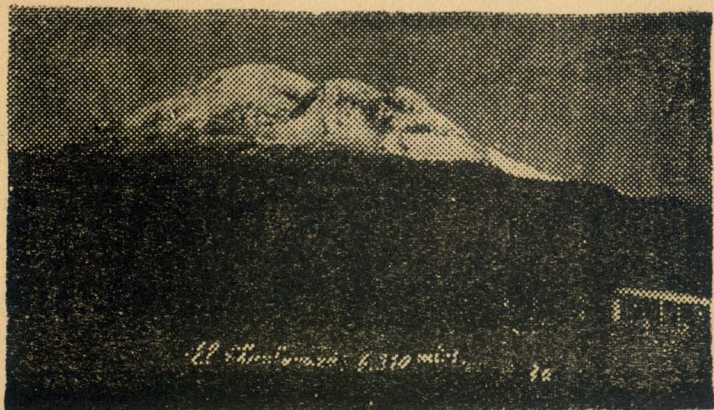
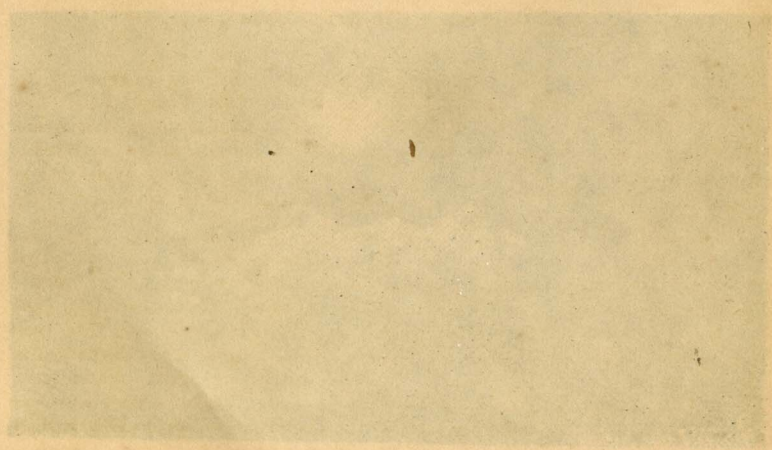
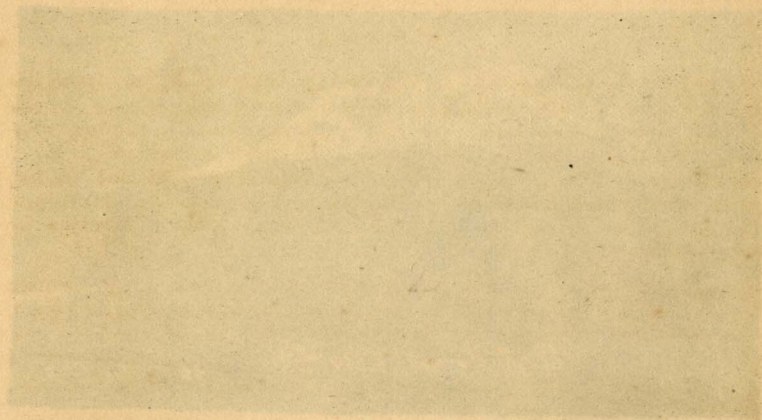
"Tu representas la ola,
y yo la arena del mar,
tu vienes y me besas,
y despúes te vás..."

em que as imagens são perfeitas. Em outra canção folclórica anotei êste mundo de recordações:

"Yo me embriago em lejanias
Para acariciar mi sueño..."

E assim, entre *charlas* e *chistes*; *passillos, pasacalles* e *sanjuanitos*: expressões de beleza feminina e manifestações da alma e da inteligência equatorianas, num cenário paradisíaco, correu célere a noite, que só a aurora mostrou já ter se esgotado... Quero anotar a crise sentimental de meu companheiro, ouvindo as notas romanticas do velho "Cielito lindo" do seu tempo de estudante...

No almoço *regalado* pelo Lab. "Wander", foram-nos oferecidos os pratos originais da culinária equatoriana: sôpa de pata, *tamal* e *carne en palito*, todos nos sabendo deliciosamente ao paladar, sobretudo o *tamal*.

De Guayaquil temos ainda algumas recordações indeleveis: lá se fez a instalação do Congresso, com as visitas protocolares ao Governador e ao Alcalde. Sobre o Guayas, em sua séde, o *Yatch Club* ofereceu um *lunch* suculento aos congressistas; aí teve prosseguimento a série de refeições com *ceviches de camarones* que nos acompanharam em toda parte... Visitas aos Hospitais, inclusive ao Sanatório "Alfredo J. Valenzuela", onde se faz uma tisiologia adiantada e inteligente. No Instituto de Higiene, dirigido pelo insigne Dr. Juan A. Montalvan, admirámos uma organização modelar a serviço da ciência e da prevenção das doenças tropicais. Não faltou em Guayaquil um contato direto com a sociedade local, no *Tenis Club*, que regorgitava de um naipe feminino precioso, em que os *brotos* faziam honra às novíssimas gerações... Dançava-se lá o *mambo* com toda galhardia, e na piscina havia sereias fuzilando de feitiço os marujos incautos...

DOIS ASPÉCTOS SOBERBOS DOS ANDES — Em cima, o Chimborazo, no caminho de Quito, em toda sua imponência, e em baixo, o Illimani, guardião de La Paz, sob o plenilúnio — ambos cobertos de neves eternas, tendo mais de 6 mil metros de altura, impressionantes pela beleza e pela majestade.

Com cerca de 250.000 habitantes, a capital da província de Guayas é uma cidade menor que Belém, porém muito mais cidade que Belém, mercê de seus serviços públicos, hoteis, clubes, residências, edifícios, bancos, movimento e casas comerciais. E' o porto da República, embora não tenha cáis accessivel aos transatlânticos. Os *guayaquileños* se ufanam de sua cidade, sobretudo pela tradição de altivez de sua história : lutam pela instituição do regime federativo.

Na véspera da partida vinguei-me da informação do amigo Macias, dizendo a uma senhora, com quem conversava, que estava certo de existir alguem em Guayaquil com 28 mulheres... E acrescentei : "Que não seja o seu marido..." Comenta-se por lá que os casados (tanto homens como mulheres) são *"muy celosos"* (ciumentos !)

V

DIANTE DO CHIMBORAZO

Instalados em trem especial fizemos todos o percurso de Durán, estação inicial da ferrovia, defronte de Guayaquil, até Quito, em 16 horas de sensacional viagem. Primeiro a travessia do Guayas, a nos encher de saudades com o seu aspecto rigorosamente amazônico e mais ainda insufladas pelas canções nostálgicas do poderoso barítono Dr. Colonado, que chefiava a delegação de Guatemala, e não se fazia de rogado.

Essa ferrovia, construida no governo Eloi Alfaro, é uma obra espetacular de engenharia, vencendo as subidas abrutas da Cordilheira em fórma verdadeiramente emocionante. Então quando da ascenção do "Nariz del Diablo", que se faz zizagueando, em tres lances, como que a respiração estaca e a pausa dos batimentos cardíacos se prolonga ao máximo... No altiplano frio e pitoresco, sadio e tido como farto, as paisagens são deslumbrantes, imensos os horizontes, maravilhosos os vales, sucedendo-se as cidadezinhas onde os indígenas abundam, falando *quichúa,* com os *ponchos* multicoloridos e carregados os filhos menores, pelas mães, às costas. Os serranos são corados, mesmo quando têm a tez parda do nativo : o frio maltrata-lhes porém as partes descobertas do corpo, dando à pele um ressequimento e uma descamação impressionantes. Em Alantin fiz questão de provar um *canelazo* para espantar o frio... Os campos, geralmente nos vales, são lindíssimos e mais encantam

pela sucessividade de aspectos : ora plantados de milho, ora de eucaliptos, ora de plantas de côres variadas, e lá no meio dos bosques as residências senhoriais, da aristocracia rural que é a classe dominante do Equador. Quanto aos índios, ví-lhes de perto as choças e as tocas, estas cavadas até na montanha, nas quais as gerações se degradam ou esperam filosoficamente melhores dias... Huasipongo, que quer dizer choça, é um famoso romance tido como retratando à perfeição a situação social dos *cholos* equatorianos.

Lá pela tarde começou a ser entrevisto com entusiasmo o perfil imponentíssimo do Chimborazo, coberto de neves eternas e socegado há muito na sua fúria vulcânica. Aos poucos o trem tomou chegada, e nos extasiámos horas a fio contemplando o monstro de granito e gelo, que o equatoriano considera o pico mais alto do globo, dada a sua situação no ponto em que a circumferência terráquea está mais externamente colocada, no extremo de seu diàmetro horizontal. O mesmo poeta cuencano que já citei, Palácios Bravo, resumiu num grande soneto um estado de espírito —

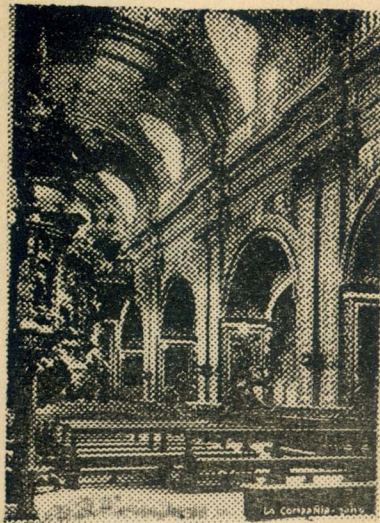
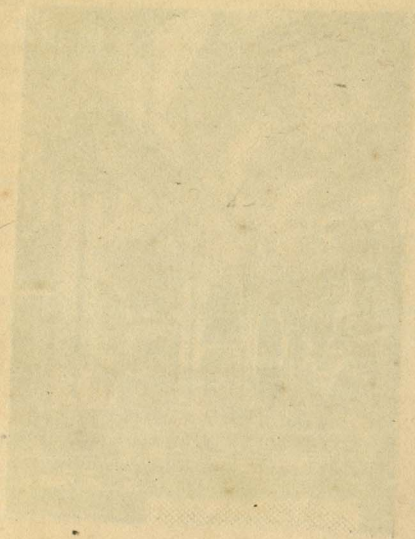
Frente al Chimborazo

Arrugado de abismos, el Gigante
Al linde azul su corpulencia arrima.
Escueto... Blanco... Instante por instante,
la soledad se le congela encima...

En vano entre celajes, arrogante,
a los espacios rendición intima :
la ira de los espacios, incesante,
se estrella contra el hielo de su cima...

Sobre él no hay germen que florezca y bulla,
ni el gozo canta ni el amor arrulla :
es de lo inmenso el tedio y la tristeza...

Y parece que, hastiado de si mismo,
aguardando piedad de un cataclismo,
llora la maldición de su grandeza...

Creio que não é possivel dizer mais !

O MAIOR TEMPLO DA AMÉRICA DO SUL — Aqui está uma das naves da Igreja da Companhia de Jesus, em Quito, toda decorada em ouro e possuindo em seu interior uma riqueza artística fabulosa, — sem dúvida o mais suntuoso templo católico desta parte do continente.

VI

ROMANTICO QUITO

Quito, a 2.816 metros de altitude, bem em cima da linha equatorial, balisada pelas 3 crateras do Pichincha, a centenas de quilômetros da costa, por ainda hoje ínvios caminhos, é, depois de El Cuzco, a mais antiga cidade da América do Sul. Tem tres histórias : foi séde do Reino de Quito, que coube a Huascar, na partilha do Império Incaica feita pelo penúltimo *Inka*, Huayana Cápac ; — depois, na época colonial teve papel importante, datando de então uma grande parte de suas construções, os seus templos monumentais, que acho os maiores do continente sul-americano ; e por fim séde do primeiro governo livre da América Latina, em 1 808, com um progresso urbanístico apreciavel nos últimos dez anos, quando a sua população duplicou e a sua arquitetura se recompôs e modernizou.

Nosso primeiro contato com a capital equatoriana foi através da reportagem de "El Comercio", que ainda no trem, madrugada alta, bateu-nos no ombro, despertando-nos de uma modorra, cheia de frio, cansaço, sono, *whisky* e ressaca de um dia alegre, (uma autêntica *juerga* — "farra" — ferroviária. . .) para uma entrevista relâmpago : enquanto escrevíamos (ou tentavamos escrever. . .) em castelhano, as impressões do Congresso e da viagem, fuzilou o relâmpago de um *flash*, e no dia seguinte apareciamos no famoso diário *quiteño* em um instantâneo terrivel. . .

"Quito lindo" diz uma canção folclórica, e não mente. Cobrem-se de razão os *quiteños* quando exclamam que

> "De Quito al cielo,
> e del cielo,
> un huaquito,
> para mirar a Quito. . ."

Lembrei-me muito de Bahia subindo as ladeiras da cidade de Huascar, visitando as suas igrejas (há 13 grandes igrejas), tomando contato com seus aspectos e personagens típicos, como não ví em nenhuma outra cidade. Os índios com seus *ponchos* berrantes dão uma nota festiva às ruas, onde há mil e uma curiosidades, em prata, tecidos, tapetes, bolsas — que sei eu ! — para *regalos* e *souvenirs*. São 22 os teatros de Quito.

Com Nicolas Delgado, figura destacada da intelectualidade equatoriana e conhecedor dos segredos de sua cidade, fomos vêr os templos : no da "Companhia" — um deslumbramento de ouro ; no de S. Francisco — uma riqueza de pinturas, atribuidas a Miguel de Santiago e Goribar (ó, os "Profetas" de Goribar !); em Santo Agostin — um mundo de trabalhos artísticos. Como devem ter sido fabulosamente produtivas as minas de ouro do altiplano, permitindo que a fé de alguns vencesse a ambição da maioria, erigindo aquelas casas de oração que glorificam uma época e eternizam o espírito de uma colonização !

Romântico Quito, tem razão o compositor popular, com quem fez côro o poeta Hugo Moncayo evocando "San Francisco de Quito" :

"Paisajes solariegos que provocan un grito
de amor en las gargantas ; que despiertan un canto
de saudade en los pechos. . . Cuando huya al infinito,
dejadme que perfore los cielos con mi llanto !

Ciudad de los temblores, cuna de libertades,
romantico balcón suspendido en la sierra,
arca de gentileza, espejo de ciudades,
envídia de los cielos, orgullo de la tierra !

Tus cholas remilgadas, viven policromia. . .
Tus lúbricas guitarras, cantan coplas de amor. . .
Las piedras de tus calles saben galanteria. . .
Eres Quito un poema de piedra e de color !"

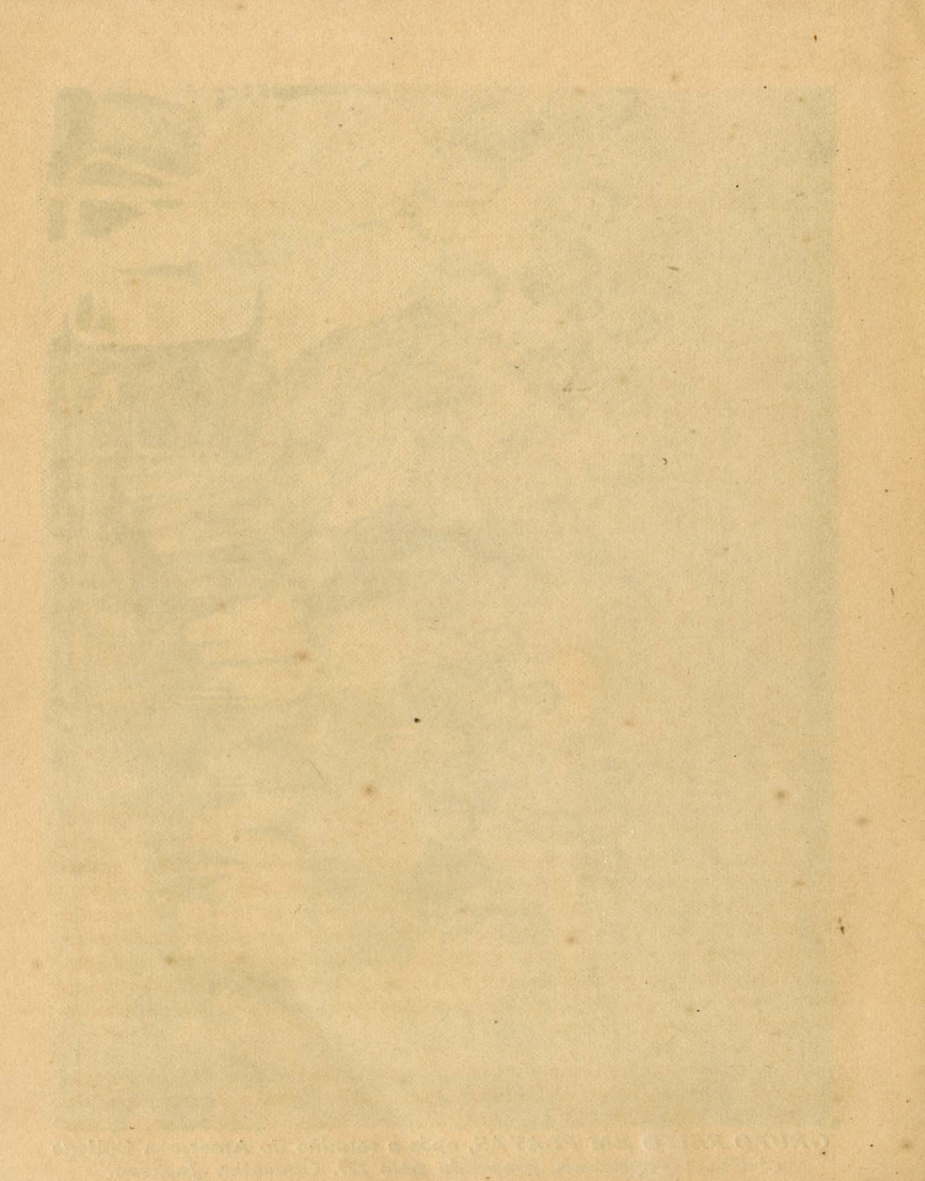
Encantou-me encontrar, num suplemento dominical de "El Sol", uma página inteira intitulada — "Grandes poetas americanos" — com poemas de Manoel Bandeira, traduzidos, e com um comentário crítico de Agripino Griecco.

Assistimos à inauguração do primeiro pavilhão do Sanatório

"Pablo Arturo Suarez" (nova entrevista em castelhano...), construido em Quito pela LEA, com capacidade para 130 doentes, tendo custado cada leito 13 mil e tantos sucres (ou sejam 27 mil cruzeiros) : os do Sanatório de Manaus saíram pelo dobro, ou sejam 55 mil e tanto, e administrada a obra com todo rigor e economia. Nessa inauguração ouvimos um extraordinário discurso do Alcalde José Ricardo Chiriboga, que é um orador de grande eloquência e densa cultura. Alguem perto de mim cochichou : Chiriboga será o futuro Presidente...

Numa recepção encantadora que nos foi oferecida no Círculo Militar, bebendo champagne, falou-nos o Ministro da Guerra do prestígio da aviação militar brasileira, fazendo uma viagem mensal a Quito, e da estima desfrutada pelos nossos diplomatas no Equador. Nêsse momento a orquestra atacava gloriosamente a "Viuva Alegre..." Logo após, numa *boite,* houve uma homenagem especial aos congressistas : todo mundo cantou, em grande côro, quando chegou a vez do Brasil, o *"Mamãe, eu quero"*, que é o samba mais novo de sucesso...

Uma das últimas lembranças foi a festa de despedida na *"Hacienda San Luiz"*, que se diz ser uma das menores, de propriedade da família Gallo Plaza (Gallo Plaza é o chefe da nação : seu prestígio resume-se em poucas palavras — já está no poder há 3 anos...) Para chegarmos a "San Luiz", demos a volta em Quito, subindo montes e cruzando vales, pitorescos uns e férteis outros. A *Hacienda* é qualquer cousa tirada das mil e uma noites : parques, jardins, uma ponte sobre o rio San Pedro, lago artificial com barcos para passeio, pérgola e no centro uma mansão em grande estilo... Não faltaram os tropicalíssimos *piuns* fustigando as pernas femeninas... Numa fartura de comidas, digeridas com músicas e danças das 3 Américas, estivemos a cavaquear com o brasileiro Osvaldo da Silva, que atualmente chefia o Escritório da Oficina Panamericana em Lima, com jurisdição sobre os paises do Pacífico : saíram naturalmente anedotas picarescas, à brasileira, de envolta com lembranças de Manaus, onde Osvaldo da Silva esteve, deliciando-se com banhos na Chapada, *coletes* na Leitaria, caçadas e pescarias nas praias e lagos do Amazonas, com o Stefano, o Otávio Cabral e o Edson Mello...

GRUPO FEITO EM PLAYAS, após a reunião do American College of Chest Physicians, *presidida pelo Dr. Chevalier Jackson.*

VII

SÚMULA DO 9.º CONGRESSO PANAMERICANO DE TUBERCULOSE

O 9.º Congresso Panamericano de Tuberculose, sob a presidência dedicada do Dr. Jorge Higgins, diretor da Campanha Nacional Antituberculosa, e secretariado pelo infatigavel e esclarecido tísio-cirurgião, Dr. Marco Martinez, teve duas fases : uma em Guayaquil e outra em Quito.

Discutiram os delegados dos paises do continente, juntamente com os representantes da Organização Mundial de Saúde, da Oficina Sanitária Panamericana e da UNICEFF, um tema básico e da mais absoluta atualidade : tratamento da tuberculose pelos antibióticos (estreptomicina, PAS e tiosemicarbazonas). Foi ouvida a experiência de cada um e afinal tiradas as conclusões, fixando indicações, doses, oportunidade de aplicação, etc. Tive a satisfação de apresentar o relatório brasileiro, credenciado pela Sociedade Brasileira de Tuberculose, em colaboração com Moura Tapajoz.

Na sessão conjunta do Congresso com a Sociedade Equatoriana de Tuberculose, fôram discutidos os temas livres : falei então sobre "Aspectos epidemiológicos e clínicos da tuberculose na região amazônica".

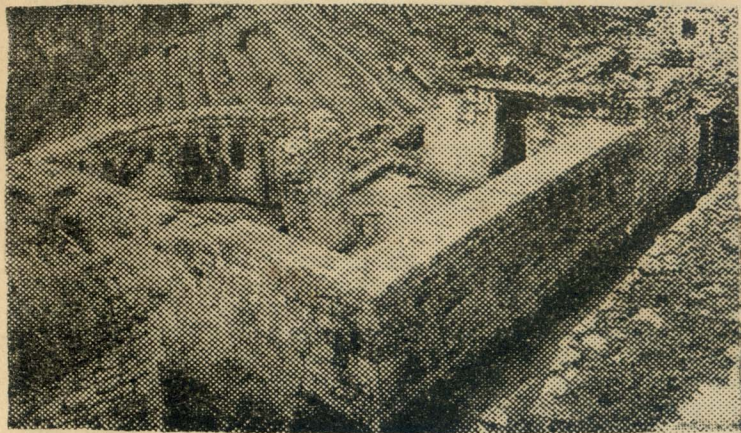
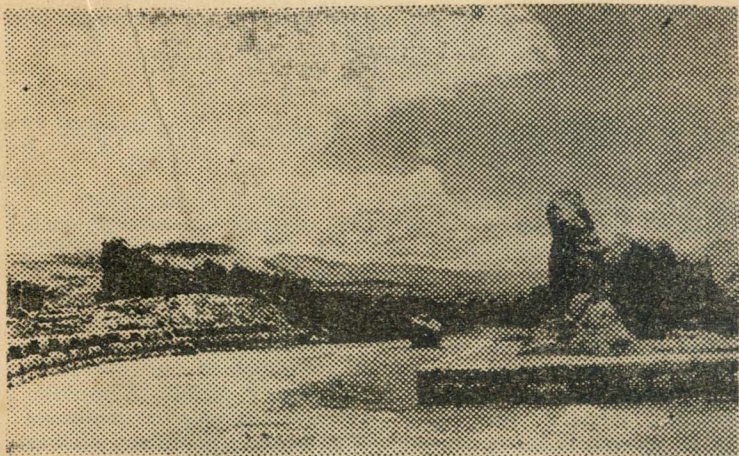
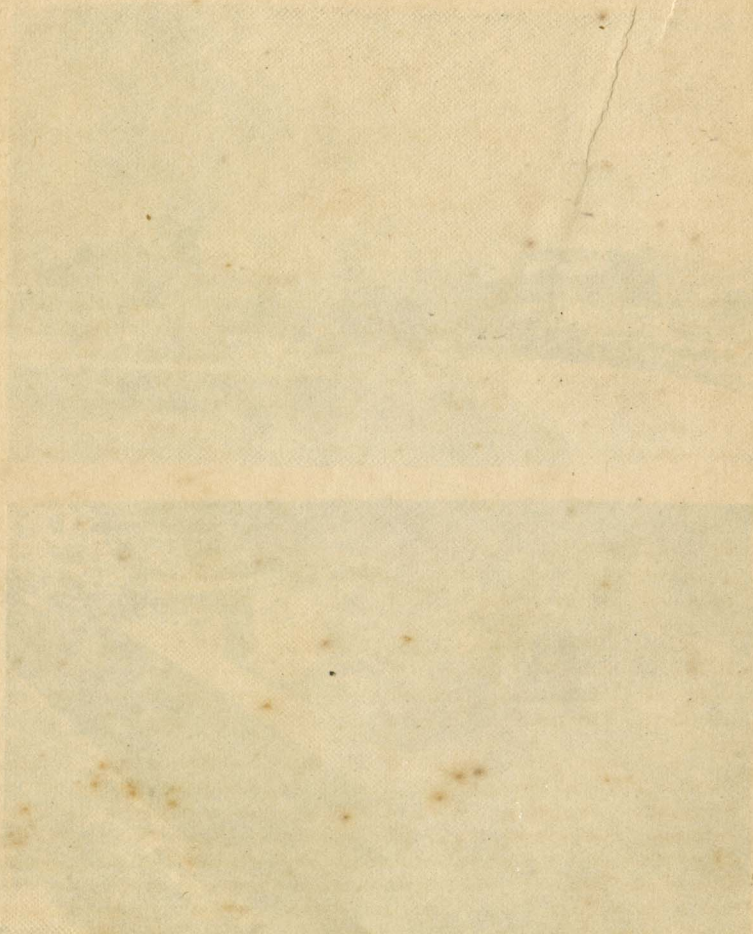
Foi conhecida no Congresso a enérgica e decisiva campanha desenvolvida pelo Equador, através da "Campanha", dirigida pelo Dr. Higgins, e da Liga Equatoriana Antituberculosa (LEA), presidida inicialmente por Valenzuela, a quem, por sua morte, substituiu o Dr. Juan Tanca Marengo, coadjuvado pelo Dr. Armando Pareja Colonel. Já fizeram lá um inquérito tuberculínico abrangendo todo país, e que se extendeu a mais de 700 000 pessoas, para difusão da vacinação pelo BCG. O esforço daquêle povo para vencer a grande ceifadora é notavel, inclusive para dar o maior brilho ao Congresso.

Outra sensacional revelação foi comunicada nos relatórios do Uruguai : dispôs-se a República Oriental a realizar uma grande campanha anti-tuberculosa, examinando toda a população, em

equipes móveis fazendo investigações tuberculínico-abreugráficas; deste modo se descobriram os doentes, e se premuniram os analérgicos, além de se ter feito educação sanitária em massa; aos doentes que se internem a Comissão Honorária de Luta Anti-Tuberculosa, à qual são confiados os fundos resultantes do imposto sobre jogo e diversões, concede pensões para manutenção das famílias ,de acordo com as necessidades e o nivel de vida. Já está sendo dada a 2.ª volta no país e a tuberculose vem batendo em retirada! Vai ser portanto o pequeno e adiantado Uruguai a primeira nação americana a erradicar a tuberculose: até aquela taxa dita *basal* será reduzida, com grande alegria para os tisiólogos de lá, que estão assistindo ao ocaso de sua especialidade, ganhando porém uma vitória decisiva na história das pestes tentaculares.

Positivamente que uma das maiores vantagens das reuniões médicas periódicas, além da renovação de idéias, pelo estudo das aquisições recentes da ciência, está na congregação e aproximação de figuras distanciadas no espaço porém afins nas preocupações espirituais e profissionais. Podemos, desta feita, revêr e reanimar velhas amizades, de outros encontros, e iniciar novos conhecimentos e amizades. Lá estavam, no Equador, Sayago, da Argentina, *el maestro de los maestros,* com o seu conhecimento e a sua autoridade: Gómez, do Uruguai, notavel cientista e grande cruzado, animador dos Congressos Panamericanos, como seu secretário quase perpétuo; Vacarezza, tambem da Argentina, sábio e sóbrio, inspirando admiração e entusiasmo; Orruego Puelmas, de Santiago de Chile, vivo e brilhante como poucos; Garcia Rosell, do Perú, com o seu espírito encantador e seu renome merecido, acompanhado dos excelentes Drs. Werner e Cano; Arboleda Diaz, da Colombia, esclarecido e inteligente; Miguel Jimenez, de México, com a sua experiência comprovada em anos seguidos de luta; José Inácio Baldó, festejado com justiça como um dos pró-homens de sua pátria (Venezuela) e a quem foi confiada a presidência do X Congresso, marcado para 1 953 em Caracas, para estudar as "Fórmas anátomo-patológicas da tuberculose no continente americano"; Cucchiani de Azevedo, Lopez Bonilla, Ricardo Aguiar, Blas Calarco, tambem luminosos representantes da Argentina; Rodriguez, Piaggio, Dra. Epifanio, Artegaveytia, Vignoli, Magnone e Pinto Fuentes, que integravam, abrilhantando, a distinguida delegação uruguaia; dos Estados Unidos, o encantador Esmond Long, secretário da *American Trudeau Society,* e o justamente famoso Chevalier Jackson, presidente do *American College of Chest Physicians,* ao lado do incansavel Leo

Eloesser, campeão de Congressos Internacionais, que conhece o Brasil como poucos e expendeu ideias próprias e judiciosas sobre as possibilidades financeiras dos paises em relação à tuberculose; Carlos Guerrero, Augusto Fernandez, Pedro Baeza Vega, destacando-se entre os cultos relatores de Cuba; e outros, outros muitos, cujos nomes é uma pena não poder citar. Não quero deixar sem uma referência especial a figura de Diógenes Certain, docente da Faculdade de Higiene da Universidade de S. Paulo e diretor da "Revista Paulista de Tisiologia", a quem elegemos presidente da embaixada brasileira, — inteligência esclarecida e aberta ao conhecimento, sempre com uma observação oportuna e sensata, dono de um extraordinário senso de humor, em cuja companhia fruimos dos melhores dias da viagem transandina, sem esquecer que a Senhora Certain soube desempenhar-se, com a elegância de uma grande dama, da sua missão de embaixatriz do Brasil no Congresso.

Sayago, meu antigo e querido professor no Curso de Gomez, em Montevideo, um dos homens que mais conseguiram me fascinar, além de especialista emérito, é uma inflexivel consciência democrática. No alvorecer da reação que tomou conta de sua pátria, viu-se despojado da cátedra, ao lado de outros grandes titulares das Universidades. Em Guayaquil eu lhe disse: "Mestre, os bárbaros hão de passar; não passará entretanto o seu pensamento, sempre vivo em todos nós, que pomos no que fazemos o seu espírito acima das vilezas contemporâneas. Ainda há de surgir o dia das reparações". Sayago, sereno diante dos maus-fados, me respondeu: *"Si, querido amigo, pero mi catedra está en todas las partes del mundo adonde me vaya... Yo no ceso de estudiar, de enseñar y de trabajar!"* E eu sei que é verdade; ouvi-o, no discurso de abertura do Congresso, predicar com o seu exemplo e a sua coragem insuperaveis, revisando os principais capítulos da tisiologia, que são em último termo de carater rigorosamente social, para concluir recordando as palavras de Sarmiento, escritas para o seu próprio epitáfio, e que são um roteiro sagrado: *"Una America libre, asilo de los Dioses todos, con lengua, tierra y rios libres para todos!"*

MERGULHO NO PASSADO — Ruinas pre-incaicas e incaicas em Cuzco (em cima) e Macchu-Picchu (em baixo), vendo-se nas últimas, detalhes da colocação das pedras umas sobre as outras, e ao fundo, uma das impressionantes escadarias da cidade descoberta por Bingham.

VIII

MIRANDO O PASSADO: CUZCO E MACCHU-PICCHU

Não é possivel faltar, num itinerário transandino, a etapa de contemplação do passado. El Cuzco é o testemunho da mais alta civilização autoctone que floresceu na América Meridional: ou por outra, das mais altas civilizações. Porque não é só, como Quito, uma cidade incaica: nos seus monumentos em pedra está perfeitamente separada a éra pre-incaica, que se perdeu no milênio anterior ao ano 1.000, da éra incaica propriamente dita, em cuja história a conquista espanhola fez uma secção mortal. Os povos da éra anterior a Manco Cápac, 1.º *Inka*, fundador do Império, fôram sobretudo grandes construtores: trabalharam a pedra com extraordinária capacidade, conhecendo, como ninguem, o segredo de ajustar uma peça à outra, por meio de angulações especiais, (chaves de contensão) em obras que enfrentaram o tempo, os terremotos, a destruição dos vencedores, os mil fenômenos meteorológicos. Sôbre as ruinas dêles, os incas ajustaram pedras menores, sem a beleza e a durabilidade das antigas, deixando, nelas, porém, as marcas palpaveis da grandeza e do poderio de seu Império.

Tudo isto fomos vêr, em companhia dos caríssimos Aristeo Piaggio e Abelardo Rodriguez e respectivas esposas, e da encantadora Dra. Cleopatra Epifanio, — amigos dos bons tempos da estada no Uruguai.

Corremos pelas fortalezas (lá está Sacsayhuaman, desafiando os séculos), os banhos, o anfiteatro de Khencco, os templos e as moradias. Sentimos o *soroche* nas subidas e descidas da cidadela famosa e cheirámos hervas aromáticas que regularizavam a respiração. Ouvimos índios falando o *quichua* e admirámos os rebanhos dóceis das *llamas*, com os seus pescoços longos e as carinhas pequenas e simpáticas. Contámos, no Tempo do Sol, os doze ângulos de uma pedra famosa e contemplámos no centro da cidade paredões imensos sobre que se apoiam construções coloniais, principalmente os da calle Loreto estreitíssima. Sobre o palácio do *Inka*, construiram os espanhois uma igreja; sobre o Templo do Sol e das Estrelas, outra. Ficaram porém as marcas indeleveis dos primitivos arquitetos: só aparentemente uma civilização se sobrepôs às outras!

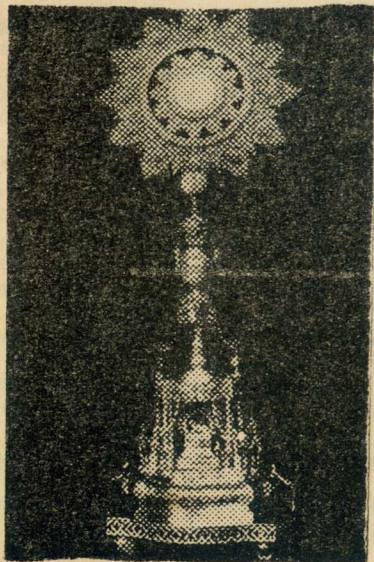
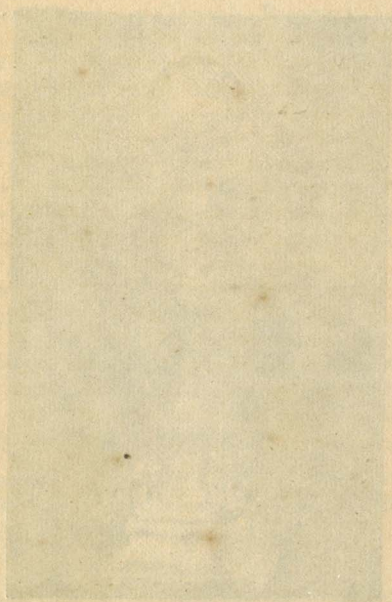
Em Igrejas católicas, igualmente, El Cuzco é riquíssimo, apesar das destruições produzidas pelo sismo de 21 de maio de 1 950. Vimos a Catedral, a da Companhia, *La Merced* (com os tumulos de Diego de Almagro e Gonzalo Pizarro), San Blas (com um famoso púlpito talhado em madeira, obra de extraordinário valor artístico, devida ao artista índio Juan Tomás) e outros mais. No templo de *La Merced* há uma custódia de ouro, com tres mil pedras preciosas e semi-preciosas, além de 2 grandes pérolas formando uma caprichosa imagem profana de mulher.

Sentei-me no trono de pedra do Imperador, no anfiteatro de Khencco, de onde se domina todo um vale, procurando colocar-me na situação do ambicioso Ataualpa, inconformado com a devisião do Reino feita por seu pai, *peleando* com Huascar e submetido afinal pelos conquistadores que trouxeram o ferro e a pólvora, aproveitando, ademais, a desunião dos irmãos.

Fazia um frio terrivel, e às roupas de lã, à *bufanda* (cachecol) e ao abrigo trazidos de Quito, foi preciso ajuntar umas luvas (*unos guantes*) comprados no Mercado de Cuzco, — por sinal que a cousa mais barata que adquirí em toda a viagem : S/4,50. . .

A cidade fica num grande vale e dela partem os quatro caminhos rituais, exatamente na direção dos pontos cardiais. Outrora habitada por 300.000 pessoas, hoje tem 40.000. O Império todo tinha 20 milhões (supõe-se, é claro. . .)

Esta ciência toda nos é transmitida por quem, a meu vêr, constitúi um dos encantos das excursões turísticas : o guia.

O do grupo a que pertencí, com o casal Rodriguez e a Dra. Epifânio, era um homem de meia idade, experimentado e bem informado, falando correntemente o inglês e o francês, com quem não havia geito porém de entender-me, quando lhe falava em português. . . Chama-se Teófilo Perez, trabalha para a "Intravel", e eu o recomendo a todos que fôrem a El Cuzco, movidos por curiosidade histórico-cultural : sabe tudo, minuciosamente, e o que não sabe, é claro, ninguem percebe. . . O outro grupo, do casal Piaggio e Moura Tapajoz, foi acompanhado por um guia joven, mestiço inteligente e falador, sabendo o inglês como gente grande e explicando tudo com a proficiência de um adivinho. . . Se algum de vós quiser um companheiro jovial para uma excursão às ruinas, apenas para recolher emoções, não titubieis : procurai o guia mais

CUSTÓDIA DA IGREJA DE LA MERCED, EM CUZCO — *Toda em ouro, cravejada com 3.000 pedras preciosas e 2 perolas de grande tamanho, eis uma relíquia da famosa cidade dos Inkas.*

moço, de quem ouví, entre outras muitas cousas, que o *quichua* (tambem o domina), é uma lingua irresistivel para o amor e as mulheres...

Na madrugada seguinte à de nossa chegada à capital do Império Incaico (que Antenor Nascentes, com a sua autoridade de purista, prefere chamar Incásico), fomos todos reunidos conhecer Macchu-Picchu. Quando desci, no Hotel Turista, para o *desayuno,* com uma das *frazadas* (cobertor de lã) dobrada no braço, todos riram a bom rir : o frio começou porém a verrumar as epidermes e todos os companheiros, um a um, fôram munir-se das mantas protetoras... E ai de nós sem elas... Na estação fazia muitos gráus abaixo de zero ! Na litorina (3 horas e meia de viagem !) foi um suplício suportar a temperatura baixa, mesmo com o cobertor de um dedo de grossura. No caminho fomos vendo ruinas de outras cidades destruidas ; até a atual estação de Ollanta os espanhóis perseguiram os remanescentes incas : daí em diante êles desapareceram e nada se conhecia até que o Dr. Hiram Bingham, em 1912, localizou uma cidade perdida, no cimo de um grande morro, (altitude : 2 800 metros) cercado de outros muito mais elevados, e completamente inacessivel à vista : *Macchu-Picchu,* o "morro-dos-velhos" na tradicional lingua... De Cuzco até lá 110 Km.; depois sobem-se 700 metros numa estrada sensacional, com quinze degráus e sete ângulos, talhada bem na beira de precipícios atemorizantes. Subida numa simples camionete que muitas vezes enche completamente a estrada : uns centímetros para fóra... Pois no alto do morro ainda não se divisam bem as ruinas, tal a sua situação estratégica. Passados pelo Hotel, para nos aquecermos e encorajarmos com um bom café, mergulhámos no último reduto da história da poderosa raça que dominou os Andes por quinhentos anos, entre os anos 1 000 e 1 532. Bem atrás está *Huayna-Picchu,* o "morro dos jovens", onde tambem há ruinas, que desistimos de escalar, porque o trajeto tem de ser feito segundo os métodos do alpinismo... À direita, o *Média Naranja.* Em baixo corre, com aguas verdes e murmurosas, o rio Urubamba, de cuja junção com o Tambo se forma o Ucayali, e em cujas aguas a Señora Piaggio nos sugeriu depositássemos uma mensagem de saudação à terra amazônica : por êle não desceu a *botella* com a mensagem, mas ouviu o Urubamba, do fundo do meu coração, um grito de alegria por contemplar, naquelas distâncias e naquelas alturas, um dos manadeiros do meu rio querido, juntamente com a minha saudade intraduzivel, e os meus votos

de que abriguem as suas margens uma nova raça de *Inkas,* que domem a *selva selvaggia* como os outros dominaram a montanha abruta... E enquanto nos perdíamos em contemplações do passado e do futuro, dos lados nos miravam impassiveis os monstros de granito, alguns cobertos de neves eternas e outros de vegetação poderosamente resistente...

Subimos e descemos escadas (há em Macchu-Picchu assim como 3 000); vimos a parte agrícola, os quarteis, a residência do rei e dos nobres, o observatório, o templo. 300 famílias devem ter vivido naquelas alturas. Hoje vive um pobre casal de vigias...

Porque abandonaram a cidade desconhecida? Falta dagua? Alguma epidemia? Desavenças intestinas? Tudo isto sugeriu o nosso guia jovem, com uma forte dose de ironia e descrença.

Víramos, com os olhos mortais, cousas imortalizadas pela história e pela tradição.

IX

DESPEDIDA DE LIMA

E' axiomático que em Lima não chove. Tanto que as casas não têm telhado. São cobertas por lages simples, onde se localizam mirantes e confortaveis salas de ginástica e banhos de sol. Pois provámos a chuva *limeña* : felizmente que não foi como o *temblor* de Quito, que em dois dias seguidos nos pegou dormindo, pelas 5 da manhã... Durante tres horas a fio sentimos sobre a pele uma garôa fria, impertinente, molhando a roupa e o chão, para desmentir a afirmativa geral.

Como despedida, tambem, assistimos às festas pátrias, com a imponência dos desfiles militares, dos diplomatas encasacados, com a vibração da cidade regozijada.

Pedro Zevallos Alegre, distinto tisiólogo *limeño,* a quem conhecemos no Hospital "Loayza" e no Dispensário Central de la Victória, expansivo, franco e cordial, já nos havia proporcionado a famosa comida de um *chifa* (restaurante chinês), dos muitos, e excelentes, que por lá existem, no bairro chino : provámos uma intrincada mistura adocicada de galinha com aspargos, pato com

abacaxi (*piña*) e camarões com tomates, tudo comido de uma vez, com um molho esquisito e de envolta com bom vinho peruano, dos parreirais de Ica.

Garcia Rosell e Werner quiseram porém que os brasileiros e uruguaios de passagem por Lima, guardassem, na hora da saída, lembrança de paisagens, de sons e sabores inéditos. Levaram-nos à Serra, para um almoço e uma tarde em Chosica, no pitoresco restaurante "El Palomar y sus Pichones", à beira do Rio Rímac, com as suas corredeiras graciosas e barulhentas, num espetáculo que nunca me poderá saír da memória, bebendo *copetines* de *Algarrobina* e *Pisco Sour,* ouvindo valsas criolas, *huaynos* e *marineras,* e comendo *Chupe de Camarones e Arroz con pato a la Chiclayana,* tudo tipicamente peruano...

Nessa festa encantadora foi sugerida uma união perúvio-uruguaia, que será *"el mayor evento sentimental de la tisiología sud-americana"*... Num trocadilho com o excelente Sanatório para Tuberculosos, conhecido com o nome do bairro onde está situado (Bravo Chico), e superiormente orientado por Garcia Rosell (em cuja visita dispendemos quase um dia, de magníficas impressões), eu lhe disse irreverente : *"Bravo, chico!"*... E Garcia Rosell, solteirão impenitente, tomando-nos pelo braço, a Moura Tapajoz e a mim, os unicos que, embora casados, nos encontravamos no grupo *sin las señoras,* exclamou : *"Vamonos muchachos!"* A gargalhada foi geral e estrondosa (os cientistas tambem se divertem...)

X

A BOLÍVIA A VÔO DE PÁSSARO MOTORIZADO

Tivemos que nos contentar, por causa do rigor do inverno, de vêr o Titicaca, com as suas aguas azuis e serenas, de dentro do avião. E tivemos de nos contentar de vêr La Paz quase voando, já que na mais alta capital do mundo ninguem póde correr. E' verdade que não sentí o *mal das montanhas,* que tanto afligiu o meu companheiro de viagem. Mas sentí frio de verdade... Limitámo-nos a contemplar o Illimani, o Illampu e o Pracaltaya, todos picos nevados, que cercam a cidade, sem coragem de tentar o *ski* praticado no último pelos *paceños*... Nosso prestimoso colega Antonio Brown, que conhecemos no Equador e viemos a querer mais na Bolívia, fez tudo para nos apresentar a La Paz : levou-nos

"CHOLO" DA MARGEM DO TITICACA, com seus *trajes* *característicos*, *sua* quena *maviosa* e a llama *simpática* e *prestimosa* *que* o *ajuda* a *trabalhar* e *viver*.

aos dois bairros da cidade — Miraflores e Sopocachi, passando pelo rio Choqueyapu, que faz a divisão natural. Quadri-centenária, La Paz possúi 350.000 habitantes, que representam mais de um décimo da população do país, que é de 3 milhões. Seu aeroporto está a 4.085 metros, sendo o mais elevado do mundo.

Não nos impressionou sòmente o poste, fronteiro ao Palácio do Governo, onde o major Villaroel, arrancado da presidência, foi dependurado... Novidade nunca sonhada foi-nos dado presenciar em La Paz : uma tourada ! Dois toureiros de Espanha fizeram os números mais importantes, dentre os seis atos do bárbaro e apaixonante espetáculo : um dêles já possuía a femural ligada e havia sido aliviado de alguns metros de intestinos, como lembrança de proezas profissionais... Vários *peones* açanhavam os animais, tendo sido apresentada uma forte e bela *rejoneadora* colombiana, montada num árdego alazão, que fez as suas exibições sob aplausos de uma assistência entusiasmada. De minha parte, francamente, tive mêdo dos touros, das espadas e do *rejon* da colombiana...

Algumas impressões fortes nos ficaram da passagem pela Bolívia : primeiro, a grande pobreza e atrazo de sua população indigena, que constitúi a maior parte (Brown nos prometeu um livro sensacional ferindo frontalmente o tema, do escritor nacional Alcides Argueda : "Pueblo Enfermo"); segunda, o mal que representa para o país o monopólio dos minérios, sobretudo do estanho, principal produto boliviano, nas mãos de tres autênticos antropófagos : Patiño, Aramayo e Hoschild, ou seus continuadores ; e terceira a possibilidade que se nos antolha de uma próxima libertação econômica, ao se consolidar uma situação política, com um programa progressista, já que os trustes não conseguiram subjugar o governo boliviano num assunto crucial — petróleo, — explorado e comercializado pelo próprio Estado. Vimos uma grande refinaria em Cochabamba, e saudámos, nela, o futuro redimido da nação fraterna.

Em Cochabamba, no aprazivel bar de "La Pascana", despedimo-nos do crepúsculo andino : com *whisky* e *por la salud,* como de praxe na terra, em companhia do excelente companheiro e brilhante colega Silvio Palácios.

Na madrugada seguinte mergulhavamos demoradamente num nevoeiro espêso, dêle saindo enfim para contemplarmos os horizontes esmeraldinos da planície.

XI

DE VOLTA AO BRASIL

Horas depois, sob um sol terrivel, transpunhamos o Mamoré e pisavamos de novo solo brasileiro.

Mais 2 vôos, completando ao todo 13, em 5 companhias diferentes, e fechavamos o círculo do roteiro.

Em Guajará-Mirim tivemos os olhos para o porvir: uma cidade que poderá vir a ser um grande entreposto comercial e industrial. Na verdade estratégica é a sua posição geográfica, no extremo ocidental do Brasil, com uma ferrovia de 250 Km. contornando cachoeiras que, se aproveitadas, um dia, darão um formidavel potencial hidro-elétrico. Tambem não falta a Guajará-Mirim uma "pinta" de cidade futurosa... Falta-lhe, sim, e urgentemente, uma casa condigna para a Aduana, que envergonha um país que possúi Ministérios instalados em prédios nababescos e não toma conhecimento de seus logares produtivos e de suas fronteiras!

Porto-Velho apresenta uma atividade febril, de que são atestados pelos *slacks* de toda gente, desde o Governador Barcelos, que é um espírito democrata e acolhedor, e de seu dedicado e hospitaleiro Secretário, Moacy de Miranda, até os mais humildes trabalhadores. Cidade em formação, tem um custo de vida fabuloso. Nada por lá se vende com menos de 100% de comissão... Na sua agência bancária, instalada em casa de madeira, há depósitos acima de 60 milhões. Recebeu o governo, de dotações federais, no ano transato, quase 100 milhões, mais, muito mais, que o valor da produção do Território, (borracha, 71 milhões, e castanha, 5 milhões e meio). As mercadorias entradas em Porto-Velho tinham um valor de 51 milhões, e fôram distribuidas pelas 280 casas comerciais, das quais 125 se encontram na capital. A borracha foi produzida em 160 seringais.

Umas dúvidas nos assaltam, na progressista cidade madeirense, que dispõe de um dos melhores cinemas do Norte, de regular iluminação domiciliar e satisfatória distribuição de agua: será que estão sendo estimuladas as fontes de riqueza da região, para que esta alcance vida própria, em futuro próximo, quando o governo federal suprimir as verbas astrônomicas com que dota atualmente o Território? Está realmente se criando no Guaporé, como no

Rio Branco, e no Amapá, o que não aconteceu no Acre — isto é, um núcleo populacional adiantado e radicado à terra, capaz de ter a sua própria economia e de manter o mesmo rítmo de progresso? Fomos espectadores de um momento da vida da novel unidade. Gostaríamos de reve-la, dez ou vinte anos depois, e balancearmos estas e outras conjecturas, que fôram discutidas com espíritos arejados como José Bezerra Duarte, integrado no Guaporé, e Glauco Barbosa, visitante como nós.

Mas quando chegámos a Porto-Velho já estavamos procurando desmentir o dito de Monteiro Lobato: "O bom da viagem não é chegar, é o ir..." Acumuláramos emoções e lembranças em profusão. *A think of beauty is a joy for ever* (Keats). E nós viveramos não só pensamentos ou mesmo instantes, mas dias maravilhosos de beleza! Alargando conhecimentos, criando amizades, contemplando aspéctos peculiares de quatro povos (é preciso não esquecer que fomos sentir, nos longes do Oeste, um Brasil diverso), realmente progredíramos espiritualmente, e muito... Como são hilariantes as confusões no sentido de palavras comuns aos idiomas português e castelhano! Só a recordação delas já nos povoariam de alegrias muitos dias.

O itinerário transandino foi-nos um regalo para a inteligência e o coração.